

VERGÍLIO FERREIRA OU O TEMPO DA ARQUIPERSONAGEM

Helder Godinho

O primeiro romance de Vergílio Ferreira, *O Caminho Fica Longe* (1943)¹, apresenta-nos já os mais importantes elementos do que virá a ser a sua obra, mostrando, assim, que ela se organiza segundo uma persistente coerência, ou seja, segundo um forte *mitoestilo*. Esse mitoestilo poderíamos definir como uma estrutura imaginária, em si vazia, que vai organizando numa mesma coerência os elementos diversos com que as obras se farão, desde o material temático da construção das intrigas até ao modo como as influências literárias ou outras serão assumidas e integradas nas diversas obras. É uma Forma futura porque se desenvolverá ao longo do tempo e das mudanças como coerência que *obriga* os materiais a uma determinada organização.

Neste primeiro romance, que nos conta a história dos desencontros amorosos, sociais e intelectuais de um jovem estudante da Universidade de Coimbra com os outros e com o meio, como reflexo dos desencontros consigo próprio, encontramos já uma personagem *disjuntada* e dispersa por duplos que se intrometem eficazmente na sua relação amorosa e a destróem. A fraqueza psicológica de Rui, a personagem em torno da qual a ação se organiza, é explicada pela baixa condição social e porque ele se acha de pouca valia, mesmo ao nível do físico. A origem social (e parental, porque o pai não queria que ele estudasse) não lhe deu a força simbólica para *aguentar* um espaço próprio e presente de uma identidade que, sem fronteiras, se dispersa pelos outros/duplos ao mesmo tempo que necessita deles para reforçar/preencher o vazio. Por isso, vai perdendo tudo e acaba por aceitar o neo-realismo por abdicação, ficando só porque a solidão é a última barreira disponível para marcar o espaço de uma identidade. O Futuro não é assim possível, em termos de prolongamento de uma identidade fragilizada, ele pode, apenas, trazer a morte pela continuação da desagregação de uma identidade sem espaço para o seu Presente.

Por isso, assumindo a lógica temporal que o primeiro livro delineara, o segundo, *Onde Tudo Foi Morrendo*², apresentará, justamente, a mudança do tempo

como levando a um futuro que é morte não física, mas morte da dignidade pessoal e social da família Coutinho que, a seguir à morte do pai, vai de desgraça em desgraça levando a que desapareçam todas as balizas simbólicas e concretas da dignidade social e simbólica dos vários membros da família. Mais uma vez, o presente enfraquece e vai perdendo todas as fronteiras que o reservam dos outros porque o passado foi demasiado curto, a morte do pai atirou os filhos para a necessidade adulta de se desvencilharem e fez com que o presente deles não seja suficientemente suportado por um passado positivo e “completado” do qual o presente se possa separar porque o ciclo do passado se completou.

E é a ausência, também da personagem paterna, que em *Vagão f³* e *Mudança⁴* estabelecerá a fraqueza social e simbólica das personagens que narram ou conduzem a ação. Um passado truncado leva a que o tempo interior e social da arquipersonagem (entendendo por arquipersonagem a personagem ideal que, ao longo dos romances de VF, ganha vida, se continua e transforma através das personagens que, nos diversos romances, conduzem a ação) se gaste numa procura eterna da origem, quase sempre mitificada, para que o tempo se possa reorganizar a partir de um passado que, se não for recuperado, será uma fraqueza a afligir eternamente o presente.

Por isso, a obra de Vergílio Ferreira se organiza toda ela sobre uma Disjunção de um Presente e de uma Presença ausente desse Presente e que apenas nele entra por momentos infinitesimais de *aparição*, onde um corpo humano a recebe tornando-se, com isso, uma hipóstase momentânea da Presença ausente. Não é por acaso que o próprio Vergílio Ferreira teorizou este conceito de Presença na *Invocação ao meu corpo⁵*.

O Carlos Bruno de *Mudança* começou por perder o pai simbólico na ruína financeira que desvalorizou o velho Bruno antes de o perder fisicamente no suicídio que este acabou por cometer. A partir da perda súbita daquilo que lhe representava o passado e sobre o qual ele tinha construído a imagem de si próprio para seu uso e dos outros, o presente fica-lhe completamente à mercê dos outros, incluindo de Berta, a mulher, que passou a tomar o comando da casa. As posições invertem-se, ele passa de comandante a comandado na sociedade e na família, provocando uma ferida insanável na identidade de Carlos, que se perde dentro de si próprio e no próprio tecido social, onde as mudanças de tudo e de todos os valores lhe deixam o eu à mercê dos e do que vai representando a mudança. Sem consistência / fronteiras, o eu muda continuamente numa experiência de morte contra a qual luta, mais uma vez, refugiando-se na solidão.

O homem é o sonho de uma sombra, lembrará Vergílio Ferreira num livro (*Rápida, a sombra⁶*) muito posterior a *Mudança*, citando Píndaro. A identidade outrora construída é uma sombra que passa a perseguir Carlos como uma sombra morta e ele não sabe como delimitar uma nova Forma para com ela criar uma nova Sombra para uso de si e dos outros. Os pontos com que se desenharia uma nova imagem de si próprio seriam as fronteiras que delimitariam e defenderiam o seu presente. Como essa delimitação não existe, fica à mercê da mudança, procurando eternamente uma permanência (Valor ou Mulher) em torno da qual organizasse a vida e a ação. E isto passa-se não só com Carlos Bruno mas, por

razões mais ou menos diversas, com todas as personagens que conduzem a ação e por sobreposição das quais a arquipersonagem se constrói.

É esta incapacidade de encontrar um Valor ou uma Face permanentes que provocará o conflito *Idéia/Ação de Apelo da Noite*⁷, conflito insanável porque nenhuma permanência é encontrada e a ação policial que põe fim à vida de Adriano é a transposição da inconsistência — ou mesmo da não-existência — de um eu sem sombra, ou seja, de um eu sem um presente com fronteiras. Quando se perde a sombra, ou se morre ou se perde a alma.

*Cântico Final*⁸ ensaiará uma solução para este problema ao utilizar a arte como lugar de criação da Presença (e, portanto, da Permanência) ao substituir a Elsa ausente pela sua imagem divina que Mário pintou na capela.

*Aparição*⁹, anterior a *Cântico Final*, trará para o quotidiano uma outra solução quando a arquipersonagem (aqui representada por Alberto Soares) tem a aparição de si a si próprio, ou seja, quando entrevê num momento infinitesimal o seu eu metafísico, ou seja, um eu que é encontro do indivíduo e da Ordem universal, encontro que o torna presente a si próprio e à dimensão profunda da vida. Nestes momentos de unificação, a arquipersonagem poderia encontrar o Outro pois as fronteiras de si ergueram-se de repente nessa aparição, tornando-o, por esse fato, capaz de se relacionar com o Outro/Mulher, curando a ferida que impedira Carlos Bruno de poder continuar a relação com Berta por esbatimento do seu eu.

Só que a aparição é infinitesimal, ao entrar no tempo petrifica-se (como a mensagem revolucionária do Jorge de *Nítido Nulo*¹⁰ se petrificou na estátua que lhe foi erguida) e, por isso, a Disjunção e a procura continuam a ser necessárias e o Amor impossível. É o que nos diz a relação de Alberto com Sofia.

E aqui *Aparição* introduz, através do desdobramento de Alberto pelo seu discípulo Carolino, a procura do eu metafísico do Outro, ou seja, do tu para além do corpo, através da morte. É para a encontrar que Carolino assassina Sofia, como ele diz, e por isso Sofia, a quem Alberto dava lições de Latim, traduzira uma *dia hospes* por *assassino* quando estudavam a *Eneida* e o episódio de Dido. De resto, o prolongamento da arquipersonagem por Enéias, o *Condutor*, o fundador de um império, traz em si a mensagem de um novo homem que a aparição entrevista permitirá construir, novo homem que não viverá sob o signo da Disjunção, ou seja, novo homem que terá um tempo bem construído, com um presente com fronteiras bem marcadas para uma identidade consistente, já não afligido por um passado que falta nalgumas das suas dimensões necessárias.

A procura do tu prolonga-se pelas gêmeas de *Estrela Polar*¹¹ e, de novo, a morte intervém para afastar da vida da arquipersonagem as hipóstases gastas de uma Presença ausente.

Toda essa problemática será em *Alegria Breve*¹² transporta para termos mais marcadamente culturais. É toda a civilização ocidental que, sob as cinzas de uma aldeia deserta e coberta de uma neve genesiaca, deverá renascer na figura do filho que o narrador terá tido de Vanda, que se ausentou levada pelo marido, velho e estéril, quando grávida do narrador. Filho que trará um tempo novo em que os homens não estarão ausentes de si próprios, vivendo um tempo bem construído.

Mas o filho, em *Nítido Nulo*, não se preocupa com problemas culturais e os filhos dos livros seguintes vão mesmo procurar abolir o tempo, vivendo um instante perfeito, sem passado nem futuro: a punctualidade. Por isso, a arquipersonagem terá uma relação complicada com os filhos de todos os livros seguintes.

Mas a arquipersonagem *evolui*, como fomos vendo. E nos últimos romances, Vergílio Ferreira ou a sua arquipersonagem foram encontrando algumas Permanências: a Ordem universal, muito clara em *Signo Sinal*¹³, por exemplo; o eu dos velhos que ao olharem a vida passada se descobrem como Permanência (*Em Nome da Terra*¹⁴, por exemplo) em que todo o tempo que viveram até à velhice trouxe um reforço do passado que fortalece um presente que utiliza esse reforço para re-criar a mulher morta através da arte, transformando-a, assim, através da perfeição que a arte lhe confere, naquela presença plena que antes se disjuntara persistentemente das faces concretas em que se hipostasava. Notemos que, agora, a arquipersonagem tem a missão facilitada pela distância introduzida pela morte, desta vez natural.

Os últimos romances realizam de novo a criação da personagem plena, através da arte, que já *Cântico Final* ensaiara. Assim, no espaço da arte, a arquipersonagem evolui para a conquista da Permanência do seu eu, da Ordem universal e da Mulher transposta e recriada pela arte.

Tudo isso, na juventude, que ela, arquipersonagem, não tinha podido encontrar pela má organização do tempo que a vida lhe impusera, tornando o presente da sua identidade permeável à mudança. A recordação de uma vida inteira vai agora permitir reforçar o passado que nos primeiros romances aparecia insuficientemente vivido por circunstâncias várias (o que *Nítido Nulo* retomará na recordação da partida dos pais).

Conseguir encontrar uma Permanência era o desígnio explícito do Carlos de *Mudança*. Nos seus momentos finais, fruto de uma evolução complexa, a arquipersonagem encontrou algumas, realizando uma evolução feliz, em que a Presença foi encontrada, como o diz também, risivelmente embora, *Na Tua Face*.¹⁵

Notas

1. Lisboa, Inquérito, 1943.
2. Coimbra, Coimbra Editora, 1944.
3. Coimbra, Coimbra Editora, 1946.
4. Lisboa, Portugalíia, s.d. (1949).
5. Lisboa, Portugalíia, 1969 (cf. cap. "Presente Ausente", pp. 49-57).
6. Lisboa, Arcádia, 1975.
7. Lisboa, Portugalíia, 1963.
8. Lisboa, Ulisséia, 1959.
9. Lisboa, Portugalíia, s.d., (1959).
10. Lisboa, Portugalíia, 1971.
11. Lisboa, Portugalíia, s.d. (1962).
12. Lisboa, Portugalíia, 1965.
13. Lisboa, Bertrand, 1979.
14. Lisboa, Bertrand, 1990.
15. Lisboa, Bertrand, 1993.